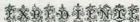


O Mosquito

REDACÇÃO, 70 RUA DO OUVIDOR 70



O apostolo branta a pesada carga da Maçonaria.
Vamos ver quem tem garrafas vazias para vender, ou um touro pelo pelicano.



Recebemos e agradecemos o seguinte que nos foi obsequiosamente offerecido :

O NOVO MUNDO— os numeros relativos aos mezes de abril e maio findos. Cada vez melhora mais este jornal. A parte material é sobretudo de uma elegancia, luxo e belleza pouco vulgares. Desejavamos apenas que o artigo «Exposição Universal de Philadelphia,» fosse escripto, já não dizemos em bom portuguez; mas ao menos em portuguez.

AO SR RICARDO JOSÉ DE SOUZA PROENÇA.— *O Sonho*, poesia dramatica. É muito moral e tem o cunho de uma historia do «*Thesouro das Meninas*»

SR S— Póde escrever a sua *Historia das evoluções do jornalismo do Brazil*. Em quanto á informaçõ, que nos pede, dir-lhe hemos por sim por não, por cautela encoste-se sempre á parede!

SR A B C.—O Sr gasta todo o papel que ha na côrte. Não fallando já no talento! Irra!

Cessa Saraiva! Basta de carnagem!!

O *Apostolo* deitou estylo bellas.

Arreda que lá vem elle!

«Está travada a lucta no Brazil entre o Catholicismo e a Maçonaria. Appellam para o terreno legal, accetamos a luva.»

Ai mana, que susto!

Se o *Apostolo* desse licença, em primeiro logar tomavamos a liberdade, visto que accetou a luva, de lhe dizer para que serve uma luva.

Depois de lavada a mão, limpas as unhas, pega-se na luva da mão esquerda e começa a calçar-se; tendo em vista, em primeiro logar: enfiar o dedo *mininho*, o seu *risinho*, o *pai de todos* e o *furu-bôlas*; depois que a pellica não apresenta a menor rugosidade, e, vendo que as costuras correm mathematicamente pararellas aos dedos encaixa-se-lhe o *meta-piçolho*, com os mesmos cuidados indicados acima. Abotoe-se e sirva-se fresca!

Aqui tem o *Apostolo* como se calça uma luva que, segundo se deprehe de sua linguagem, não está muito habituado a usar.

Conhecido o uso da luva, vamos vêr o que diz o *Apostolo*, com relação ao esteio em que apoia a legalidade dos seus argumentos.

Cita os Artigos 5º, 95, 103, 106, 127, e 141 da nossa Constituição, isto é —procura o peor argumento que póde encontrar para a sua defeza; por quanto: se não ha meio de plantarmos

a nossa independencia, livre das imposições rextatorias da Côte de Roma, senão empregando um remedio energico e decisivo—o *Apostolo* colloca-nos na necessidade de o empregar, visto que nos põe na collisão de não podermos apellar para os palliativos.

Os artigos em questio podem servir de base á discussão; e mesmo se quizerem, de boa base; mas para grandes males, grandes remedios; corte-se o mal pela raiz;—reformese a nossa Constituição e vamos pôr mão á obra, que o caso é de pressa!

E nem pode deixar de ser assim. O Brazil, o paiz livre por excellencia, que possui um monarcha bom e illustrado, que tem na historia dos progressos da humanidade paginas e paginas brilhantes,—não póde por fórma alguma ter uma constituição inferior á da Turquia.

O projecto de constituição apresentado por Midhat-Baxá, presidente do Conselho de Estado da Turquia, diz:

Art. 1.º O Imperio ottomano como Estado não tem religião; reconhece todos os cultos, *protege-os e subvenciona-os*.

O nosso art. 5º diz:

A religião catholica apostolica romana continuará a ser a religião do imperio!

A constituição turca diz:

Art. 12. Todos os subditos do Imperio ottomano, *sem distincção de raça nem de culto*, são iguaes perante a lei; tem todos os mesmos direitos e os mesmos deveres.

Art. 13. Todas as dignidades e empregos civis e militares são accessiveis no mesmo grau a todos os subditos do imperio.

Vejamos qual o artigo da nossa constituição que podemos oppôr ao 12 e 13 da constituição turca:

Art. 95. Todos os que podem ser eleitores são habeis para ser nomeados deputados, exceptuam-se.....

3.º os que não professarem a religião do Estado.

Diz muito bem o *Apostolo*; esta nossa constituição, que em materia de religião nos põe a baixo de um Imperio, onde ha serrallho, onde os cães sagrados andam aos milheiros pelas ruas da capital, em que a mulher é rebaixada á mais infima condicção;—e que é o menos culto de todos os paizes da Europa—esta nossa constituição, repetimos, não póde por fórma alguma subsistir.

Em quanto ao juramento, que pelo art. 103, tem de prestar o Imperador antes de ser acclamado; em quanto aos que tem tam bem de prestar pelos arts. 105, 127 e 141: o herdeiro presumptivo da corôa, o regente ou a regencia e os Conselheiros de Estado, não devem obrigar muito todos esses personagens.

E para firmar esta asserção appellamos simplesmente para as doutrinas do *Apostolo* e da sua gente.

De facto, se se póde, por uma jaeuitica subtiliza dizer em defeza dos bispos insubordinados e revoltosos, que os juramentos que haviam prestado de submissão ao poder civil, eram feitos com *restricções mentaes*, tambem por igual logica e razão, poderemos dizer: que o Imperador, o herdeiro presumptivo, a Regencia e os Conselheiros de Estado tambem prestaram os seus juramentos com reservas mentaes.

Admittida a possibilidade de com honra, decencia e dignidade propria, um ministro do Senhor poder ao mesmo tempo fallar verdade a Deus mentindo aos homens,—o que não será possivel aos monarchas, aos principes, aos regentes e aos conse-

lheiros de Estado, que são em tudo frageis criaturas e grandes pecadores !

Por fim de contas o remedio consiste em duas coisas :

Amputar a constituição—e, enquanto não chega o doutor para uma tão arriscada operação, entretenha-se o doente com uma estapalima emoliente de *restricções mentaes*.

Ah ! é verdade ! Olhe que as luvras melhores são as de systema Jouvina.

Este *Apostolo* sempre nos dá um trabalho... !

B.

FABULA INSTANTANEA

« — Dois murros prometteu-me o Patricio Valente, diz Telles ; e no entanto, em sustos viverei ;
• Dê-me já—uma toza—e ficarei contente !

Mais vale um toma, do que *dois* te darei.

MANEL PINTO.

Não ha fome que não dê em fartura

Estamos ameaçados de ter tres companhias lyricas !

Ora louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo !

N'outro tempo, esta noticia seria para regalar a alma ; mas agora, é duro confessal-o, em lugar de nos fazer dar cabriolas de contentes, faz-nos, pelo contrario, cair a alma aos pés !

Desde que a *Gazetilha* do *Jornal do Commercio* se encarregou de nos indicar como é que devemos comprehender o merito dos cantores italianos, os *dilettanti* tem por força de metter a viola no sacco ; porque o desinteressado e philantropico critico determina que o publico não tem nada a exigir das Empresas dos Theatros Lyricos !

E' o caso de dizer : « pague e não bufe ! »

Que o *Jornal do Commercio* faz philantropia de gazetilha é caso decidido e corrente, e sobre o qual não merece a pena insistir um minuto ; mas o que se torna notado por todos, é a insistencia, com que em todos os artigos se encarta sempre a mesma arenga.

E' quasi sempre pouco mais ou menos isto : não ha direito de exigir mais d'esta companhia ;—ninguem devia esperar, que esta opera fosse bem desempenhada—estes artistas não se apresentam como notabilidades—etc., etc., e etc !

Nós não sabemos se o auctor da *Gazetilha* tem, ou não, direito de exigir qualquer coisa de uma companhia, de que recebe um camarote pelo mais razoavel de todos os preços ; ignoramos tambem se deviamos esperar que os artistas fossem melhor ou peor em tal ou tal opera ; mas o que é certo é que : se os artistas não se apresentam como notabilidades, os preços das cadeiras e os dos camarotes são em compensação verdadeiramente notaveis !

E' verdade que o articulista nunca na sua vida se viu obrigado a descer a estas minuciosidades !

Mas permita-se-nos ainda que, sobre os direitos que temos com relação a uma companhia lyrica ou dramatica, digamos algumas palavrinhas.

Se dão licença !

O direito de exigir que uma companhia lyrica seja decente não é unicamente um direito individual e particular.

Ter uma companhia lyrica razoavel—é de dever de uma capital civilizada.

Assim como, para que uma cidade tenha os fóros de capital, precisa ter : jardins, monumentos, *cafés*, mictorios, etc., assim precisa tambem ter uma companhia lyrica.

Se para elevar os creditos de uma capital, é necessario que : esses jardins sejam esplendidos,—esses monumentos soberbos,—esses *cafés* vistosos—e esses mictorios assediados,—pela mesma razão subsiste igual necessidade para com uma companhia lyrica.

E' preciso que seja, pelo menos supportavel.

Ora o que fazem estas despropositadas louvaminhas a toda e qualquer companhia ! Baixar o nivel do nosso criterio artistico e fazer sorrir de piedade o estrangeiro, quando nos vir a applaudir e a dar os fóros de celebridades a qualquer *cabo de coristas* graduado em cantor de *primo cartello*.

Além d'isso é facil de antever que, todas as vezes que no estrangeiro se trate de organizar uma companhia para vir para o Rio de Janeiro, hão de os engajados dizer : « ora adeus, qualquer coisa para lá serve. O fulano e o sicrano foram lá applaudidos e não eram melhores que vocês ! »

De fórma que, exactamente contra um povo que tem a mais pronunciada disposição para a musica—é que se levanta uma calúnia ao seu tacto artistico, como que dizendo : « para quem é bacalhau basta. »

E' por isso que protestaremos sempre contra esta propaganda de obscurantismo artistico, que nos faz quasi sempre a imprensa desinteressada e complacente.

Vamos ter tres companhias lyricas !

Veremos agora, se d'aquelles viveiros d'artistas, poderemos tirar um homem que de artista mereça o nome.

Vamos ter tres tenores, tres barytonos, tres baixos, tres sopranos !

E' tudo aos tres !

Até o auctor da *Gazetilha* vai ter tres camarotes.

ALFREDO RIANCO.

FABULA INSTANTANEA

QUE FLAUTAÇÃO !

« Acompanho-o, se quer, » — diz Badaró

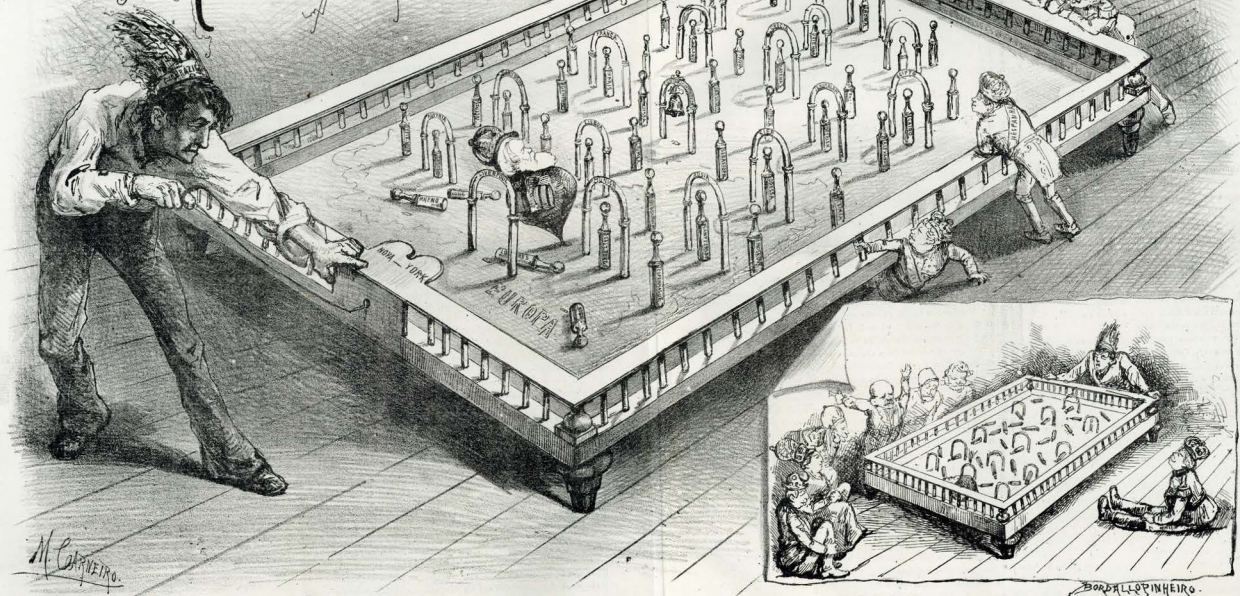
A Juca que é flautista consummado,

Mas este não aceita... e toca só.

Antes só que mal acompanhado.

JOSÉ ELECTICO.

VIAGEM VERTIGINOSA



VIAGEM VERTIGINOSA

Como o Duque de Bragança seria de viajar, se cumprisse à risca o itinerário do Dr. Macedo—42 voltas—sexta-feira, como um pillo chinês.
O apossado doutor esqueceu que viajando assim tem a contar com mala três meses para ficar de cama!

GALERIA THEATRAL

(QUINTA SERIE)

RETRATOS, ESBOÇOS E RESTAURAÇÕES

—
XXIII

LEOLINDA AMORDO

Foi uma bolha de sabão.
 Pelo menos foi feita pelo mesmo systema.
 Soprada por um canudo, cresceu; inchou, e depois solidificou-se, conservando a ultima fórma que lhe deu o sopro.
 Coagulou-se.
 Póde-se dizer que é uma bôlha de sabão coalhada.
 Sobre a natureza da materia de que é feita não resta duvida alguma.
 Esfreguem-a, e hão de vêr que espuma!
 E' sabão, e sabão com muita potassa.
 Se fosse menor, era um sabonete... de amendoas, ou de alface, visto a sua frieza, visto a sua frescura.
 E outra qualidade mais:
 Não se gasta.
 Quanto mais se molha, quanto mais se esfrega, maior volume vai apresentando.
 E' capaz de resistir a uma varrella.
 Ou mesmo a duas.
 Parece que, apesar de espessa como é, ainda é bôlha e tem canudo que está soprando sempre.
 Se não fosse assim havia de murchar.
 Ou então estouraria.
 Dizem que não escorrega.
 Póde ser; mas com certeza tem feito escorregar.
 Cousas peculiares á natureza de sabão.
 Entrtando não é figura que se veja de uma vez.
 Carece tempo e carece estudo.
 Quando se cuida ter-lhe descoberto uma verdadeira face eil-a que escorrega, furtando-se ao exame.
 Quando muito, deixa ficar a espuma.
 A espuma e o cheiro.
 Pois que cheira, e cheira bem; lá isso não se lhe pôde negar.
 Cheira a rosas e outras fragancias, cheira a tudo, menos á santidade.
 Como sabão, tem suas virtudes medicinaes.
 Não cura a caspa, nem limpa nodoas; mas engrossa bigodes e dá-lhes lustro.
 No theatro não tem especialidade; mas é especial para todos os papeis... graças á seu talento e á conservação de sua figura.
 E graças tambem ao ritmo que começa:
 « Quem não tem cão, etc. »
 (Aqui no et costura do ritmo faz ella o papel de gato.)
 Entretanto é forte no verso.
 Ella mesma parece um verso, mas um verso gordo, um verso cheio, um verso de quatorze syllabas.
 E' mais illustrada do que qualquer gazeta de caricaturas, pois que ó em todas as paginas, por dentro e por fóra.
 Falla bem e canta melhor.

Sómente é fria como um sorvete.
 Mas é fria na scena, entenda-se. Fóra da scena póde ser que não seja.
 Se não fosse tão gorda, era uma Galathéa... de sabão, á espera de um Pygmalião que a animasse.
 Se bem que talvez não chegasse um Pygmalião só.
 Haviam de ser necessarios dous ou tres.
 Enquanto não os acha vai vivendo como bolha de sabão.
 E vai causando a admiração de todos.
 Já não é do tamanho da bolha, que se admiram.
 Admiram-se é do canudo que a soprou.

GRTPUS.

FABULA INSTANTANEA

Da Martha quitadeira a melancia — *calla*
 imprudente Mané, sem'star de preço assente.
 « — Não me serve » diz elle. « — Agora ha de pagal-a !. »

—
Quem *cala*, consente.

MANÉL PINTO.

O CONSERVATORIO

Havia muito que esta originalissima corporação não dava signal de si. Desde a celebre questão dos *Lazaristas* que ella se havia encolhido, assim como quem queria occultar-se á tremenda patada que toda a opinião lhe preparava. Houve mesmo quem acreditasse que o Conservatorio havia succumbido a tantos e tão profundos golpes; outros diziam que elle estava no magestoso edificio da Praia Vermelha.

Verificou-se agora, que não era nem uma, nem outra cousa. O Conservatorio está vivo, mais vivo do que nunca; mais vivo do que o peixe das *vitruvas* da ex-Guanabara.

O que elle andou foi a tratar-se do estomago. Enganou-se mais uma vez, o pobre Conservatorio; o mal d'elle é na cabeça e o simpiorio foi tratar-se do estomago.

Lembram-se todos d'aquelles lenções de razões que a dramatica repartição apresentou para regeitar os *Lazaristas*. Entre ellas appareceu, como a de maior valor, o facto de—ser de irmãs de caridade e lazarisistas uma instituição a quem o Estado muito devia.

Combateu-se tão grande disparate, com as razões que appareceram de momento; mas tudo foi em vão e o drama, como é sabido, foi regeitado, o que deu logar áquelle tremendo escandalo.

Em todo o caso o Conservatorio, que foi creado para approvar ou reprovar as peças, usou de um direito, embora para isso elle fosse preciso sacrificar a logica e o bom senso.

Mas admittamos que o Conservatorio é realmente o mais zeloso fiscal das instituições do Estado, e que as razões que elle apresentou eram cheias de bons fundamentos. Admitta-se isso, por um momento.

Perguntamos nós agora : em qual das duas peças se attacam mais as instituições do Estado; nos *Lasaristas* ou na *Cabana do Pai Thomas*? Qual das duas theses affecta mais os interesses do Brasil? Não será ainda infelizmente a escravatura um facto legal, e protegido pelas leis do Estado?

Não é essa uma das mais melindrosas questões, tão difficeis de tratar? Não será a peça em questão um tremendo correctivo a toda a nossa legislação a tal respeito? Não poderiam, se o nosso publico não fosse tão indifferente, as representações d'aquelle drama produzir algum movimento pouco agradável contra uma propriedade que o Estado se encarregou de defender?

Nada d'isto quiz vêr o Conservatorio. E entenda-se bem, nós não censuramos a approvação da *Cabana do Pai Thomas*, mas de nenhuma outra peça. O que censuramos, e mais do que censuramos, lamentamos, é a contradicção, é a incoherencia, é a completa manifestação da ausencia do conhecimento dos seus deveres em uma repartição do Estado, da qual, como toda a imprensa, somos os fiscaes.

Quem, no desempenho de suas funções, anda assim da hesitação, para a contradicção, da contradicção para a incoherencia e d'esta para o disparate, não pôde ser tomado a sério. E, necessario que haja alguém que tome contas ao Conservatorio, uma vez que elle não tem a bastante abnegação para largar umas attribuições, que só serrem para provar a sua inepcia.

Fique bem claro o nosso pensamento: não censuramos a approvação da nova peça, como não censurariamos a approvação dos *Lasaristas*; mas depois de reprovado o ultimo drama, o Conservatorio devia demittir-se para não ter que approvar a *Cabana*.

Isto é que era decente e honesto; tudo o mais só faz augmentar o descredito e a desconsideração por uma corporação a quem um governo confiou desastradamente a guarda das leis e dos costumes d'este povo.

S. PAIO.

FABULA INSTANTANEA

OTHELLO DE FORNO

Entra em casa um padeiro, quando acha
Em languido colloquio o doce bem.
Não diz nada e prega-lhe uma *bolacha*.

Cada qual dá o que tem.

JOSE ELECTRICO.

O CORREIO DOS THEATROS

Disseolveu-se a companhia do Cassino, dirigida pelo *primeiro actor comico nacional*! Se não nos enganamos é a sexta a que o engraçado artista serve de cozeiro. O que nos faz supôr que elle faria muito melhor figura no Cemiterio do Cajú, do que em qualquer theatro. Mas,—*rei morto rei posto*—já lá está organizada outra companhia.

Tivemos no theatro de S. Luiz, uma comedia original em 3 actos—*O meu marido está ministro*.

Não é lá para que digamos; mas emfim é original e isso já é uma novidade.

Verdade é que os nossos originaes nem sempre são superiores ás traducções contra as quaes fallamos: em todo o caso é necessario animar a *litteratura dramatica*.

A actriz Lu vini passou-se com ormas e bagagens d'este theatro para o Gymnasio. Tambem não fez falta: o seu papel na *Montanha das Bruças* foi logo substituido pela Sra Ignez, a quem foram dirigidas aquellas cantigas:

Um, dois, tres,

Acorda o passo Ignez

Inda outra vez!

e que com tanta correcção canta o *rataplan* da *Força do Destino*, o que era preciso para provar que ella era uma actriz de força.

A *Cabana do Pai Thomas*, no theatro de S. Pedro, além de ter servido para dar algum dinheiro ao empresario, serviu tambem para provar quanto tem andado enganado o Sr Silveira na escolha dos seus papeis. Muitas vezes o vimos sorrir desdenhosamente, ao ouvir dizer-lhe—*estás muito gordo para galá; estás calvo e pesado!* Elle, o presumptuoso, não acreditava. Afinal convenceu-se da triste verdade e veio a representar um velho sem o menor esforço. Parece mesmo que nunca foi outra coisa senão velho. E se o foi, estamos certos de que d'aqui em diante só fará velhos, visto estar já muito idoso para fazer meninos.

No Alcazar estreeou um dansarino. Não é mau: mas não chega ao nosso Tinoco, (1) quando dá a perna nas valsas. A Sra Peyré tambem é leve como um sargento.

Leve e fina!

TINOCO JUNIOR.

(1) Desculpe se offendemos a sua modestia.

CHARADAS

As charadas do nosso numero antecedente tiveram muitos decifradorez; mas em geral a versalhada está muito aquem do que desejavamos.

Damos pois mais um prazo de 8 dias para limarem a musa e o metro; na certeza de que, não apparecendo decifração notavel, ganhará o premio a Sra D Amelia S, que por emquanto é a que mostrou mais espirito.

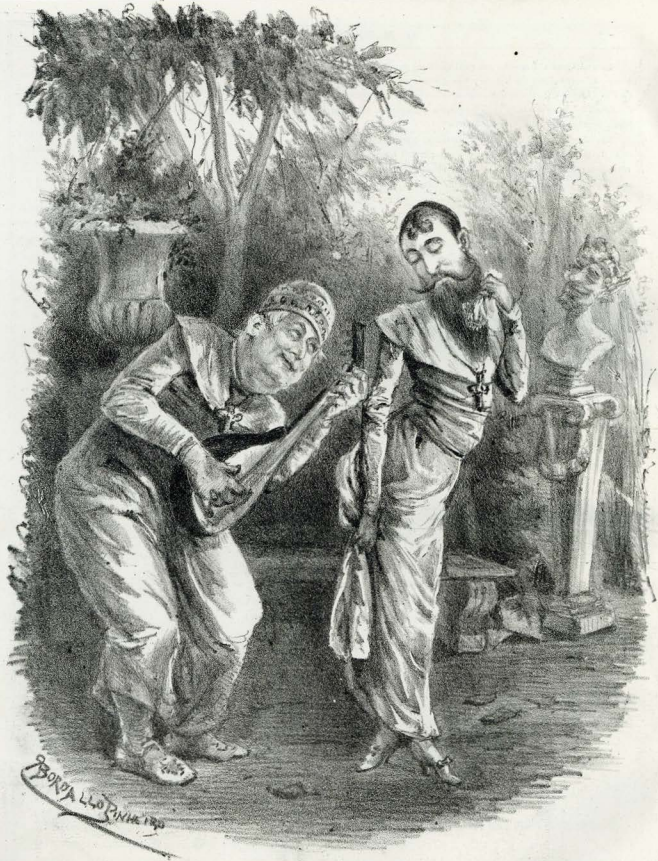
Queiram entreter-se com mais estas para não perderem o costume

2-2— Metade da musica é musica.

1-1-1— Aqui e alli a primeira toca.

2-2— Enxada para agua só na opera.

Typ. FLUMINENSE r. Evaristo da Veiga n. 5.



D. Vital tem encontrado em Roma um acolhimento que outros Bispos nunca tiveram. V. não imagina a familiaridade com que o Santo Padre trata o heroe da fé: uma coisa é ser outra é dizer. Falla com o Papa todas as vezes que quer; é recebido no gabinete privado de Sua Santidade e ali conversam a gosto, acompanha ao Santo Padre em seus passeios no jardim: tem recebido d'elle multiplicados e preciosos presentes. Agora mesmo acaba de presentear-o com um rico pontifical.

D. Vital tem sabido tirar d'alli vantagens, etc.. etc.» E' o Apostolo quem o diz! Estes pa'ças sempre são una magnões!!